

Velocidade diminui

MARCELO TOKASKI
DA EQUIPE DO CORREIO

A desaceleração da atividade industrial começa a se refletir no mercado de trabalho. Dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que o nível de emprego na indústria apresentou em maio a menor taxa de crescimento dos últimos 10 meses. Na comparação com igual período do ano passado, a expansão foi de 2,1% — ainda assim, nesse tipo de comparação a variação é positiva há exatos dois anos. Sobre abril, o desempenho de maio aponta estabilidade: leve recuo de 0,1%.

O arrefecimento do ritmo de produção também levou as horas trabalhadas a registrar a menor expansão em 11 meses. Em maio, a alta foi de 1,6%, na comparação com igual período de 2007. Na margem (comparação com abril), houve queda de 0,7%. Apesar da desaceleração, ninguém acredita que a indústria passará a reduzir seu estoque de mão-de-obra. Para o economista André Macedo, da coordenação de Indústria do IBGE, os dados apontam para uma estabilidade. "No acumulado dos últimos 12 meses, o emprego cresce a uma taxa de 2,7% há três meses consecutivos. Isso responde à acomodação ocorrida na produção", afirma.

Outro dado que mostra a tendência de estabilidade, ressalta Macedo, é a menor taxa de crescimento no total de horas trabalhadas. Segundo o economista, esse indicador é um importante sinalizador sobre futuras contratações. "Essa queda indica que pode não haver novas contratações no futuro", afirma. "O custo da hora extra é muito elevado. Por isso, é a primeira coisa que o empresário reduz", confirma o economista-chefe da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Flávio Castelo Branco. "Não é uma situação dramática. Não teremos redução no nível de emprego", apostila.

Na comparação com maio do ano passado, houve incremento do emprego em nove dos 14 locais pesquisados e em 12 dos 18 segmentos pesquisados. Os principais destaques foram São Paulo (alta de 3,9%), Minas Gerais (3,5%) e regiões Norte e Centro-Oeste (2,3%). Entre os setores que mais se destacaram es-

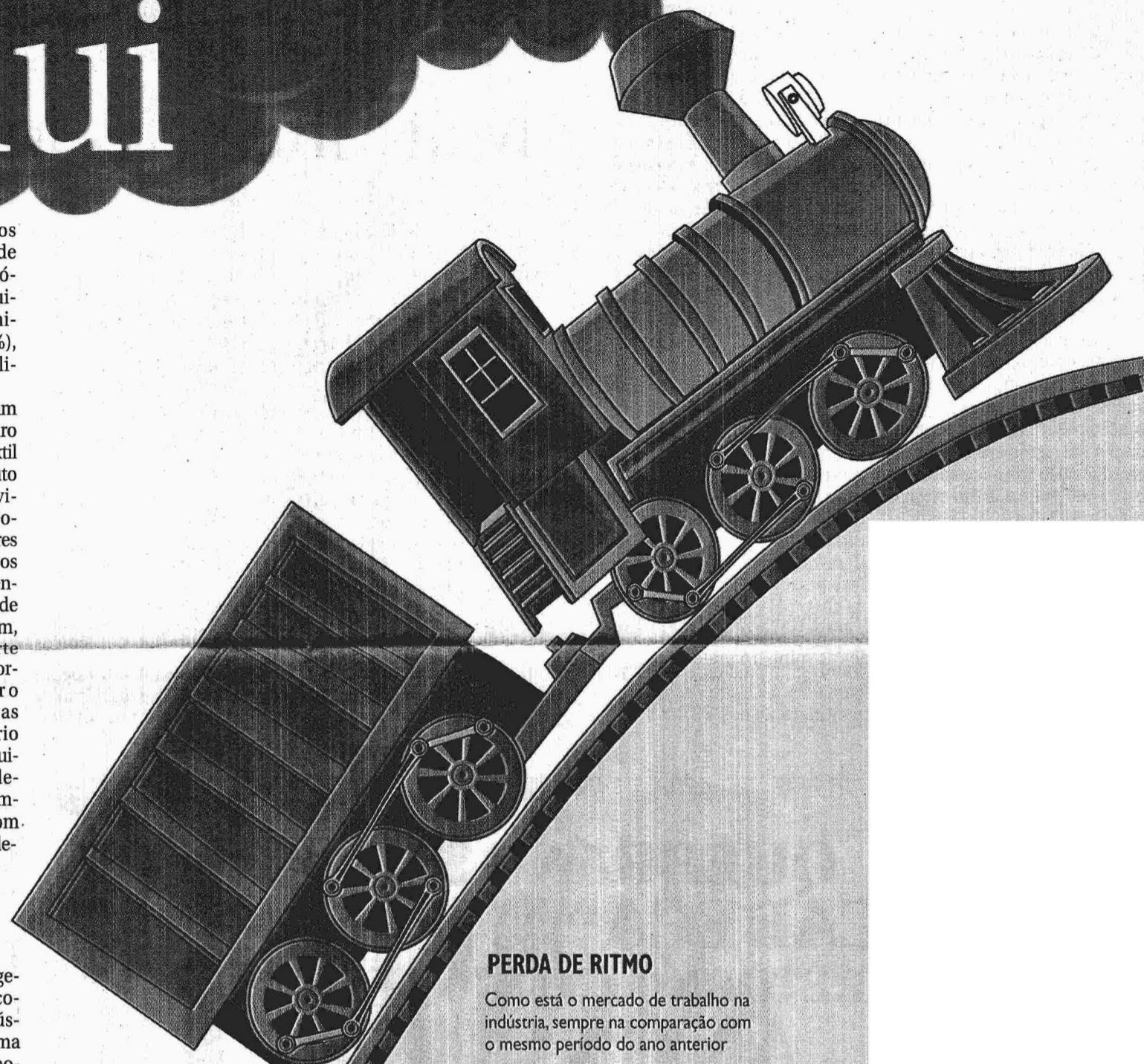
tão máquinas e equipamentos (expansão de 10,7%), meios de transporte (que inclui automóveis, com alta de 9,7%), máquinas e aparelhos eletrônicos e de comunicações (12,3%), produtos de metal (8,6%) e alimentos e bebidas (2,9%).

Em compensação, registraram queda calçados e artigos de couro (-11,9%), vestuário (-5,9%) e têxtil (-7,2%). Para o diretor do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi) Júlio Gomes de Almeida, esses três setores estão sendo duramente afetados pela forte valorização do real frente ao dólar. Na sua opinião, perde quem exporta e também quem, no mercado interno, sofre forte concorrência de produtos importados. "O câmbio voltou a afetar o emprego industrial. Empresas dos setores têxtil e de vestuário estão tendo que fazer ajustes muito fortes, dispensando mão-de-obra para poder continuar competindo", afirma. De acordo com Almeida, o quadro é de desaceleração "nítida", mas por enquanto não se configura uma inversão de tendência.

Consequências

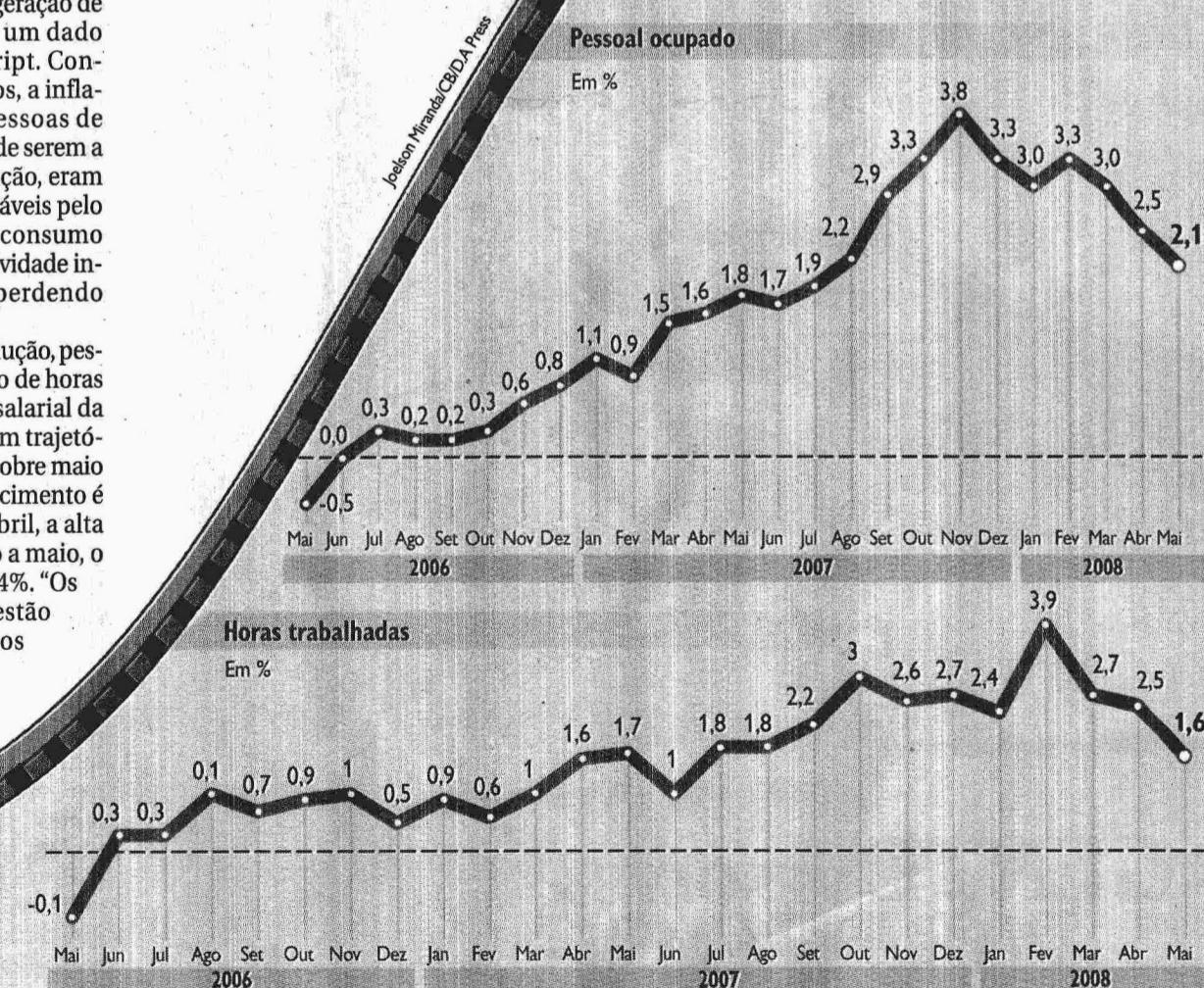
O economista André Rebelo, gerente do Departamento de Economia da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), afirma que a aceleração da inflação pode afetar ainda mais a geração de emprego no setor. "É um dado que não estava no script. Concentrada nos alimentos, a inflação atinge mais as pessoas de baixa renda, que além de serem a maior parte da população, eram justamente as responsáveis pelo forte crescimento do consumo interno. Com isso, a atividade industrial deve seguir perdendo ritmo", acredita.

Ao contrário da produção, pessoal ocupado e número de horas trabalhadas, a massa salarial da indústria ainda mantém trajetória de forte expansão. Sobre maio do ano passado, o crescimento é de 7%. Em relação a abril, a alta foi de 0,8%. De janeiro a maio, o acumulado está em 6,4%. "Os trabalhadores ainda estão conseguindo aumentos reais de salário nas negociações", afirma André Macedo, do IBGE.



PERDA DE RITMO

Como está o mercado de trabalho na indústria, sempre na comparação com o mesmo período do ano anterior



INDICADORES

O desempenho em todos os tipos de comparação

	Maio x Abril	Maio/2008 x Maio/2007	Janeiro a maio	Acumulado em 12 meses
Pessoal ocupado	-0,1%	+2,1%	+2,8%	+2,7%
Horas trabalhadas	-0,7%	+1,6%	+2,6%	+2,4%
Folha de pagamento real	+0,8%	+7%	+6,4%	+6,1%

Por setor

Os principais destaques positivos e negativos por segmento de atividade

Para cima

Máquinas e aparelhos eletrônicos e de comunicações	+12,3%
Máquinas e equipamentos	+10,7%
Meio de transporte (inclui automóveis)	+9,7%
Produtos de metal	+8,6%
Alimentos e bebidas	+2,9%

Para baixo

Calçados e artigos de couro	-11,9%
Vestuário	-5,9%
Têxtil	-7,2%

Fonte: IBGE